

## CONSERVADORISMO E SERVIÇO SOCIAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA PROFISSIONAL NO ÂMBITO HOSPITALAR

### Ciria Dayanny Germano Meira

Graduada em Serviço Social pela Faculdade Estácio do Rio Grande do Norte. Assistente Social vinculada a Residência Multiprofissional em Saúde com ênfase em Terapia Intensiva Adulto no Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL).

<http://lattes.cnpq.br/4917373590608758>

E-mail: [ciriadayanny@gmail.com](mailto:ciriadayanny@gmail.com)

### Eloyse Valéria da Silva

Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Assistente Social vinculada a Residência Multiprofissional em Saúde com ênfase em Terapia Intensiva Adulto no Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL).

<http://lattes.cnpq.br/7867433666114952>

E-mail: [eloyseilva310@gmail.com](mailto:eloyseilva310@gmail.com)

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2022.V1N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2022.V1N4-17>

**RESUMO:** Este artigo traz reflexões acerca do conservadorismo no momento contemporâneo e seus rebatimentos no Serviço Social e na prática do/a assistente social na área da saúde e, especificamente, na atenção hospitalar. É fruto de discussões realizadas nos eixos teóricos e na vivência do processo de residência multiprofissional em saúde. Partimos da premissa de que o conservadorismo e os seus reflexos encontram nas condições e contradições histórico-sociais base para se difundir ideologicamente. Na atualidade, diante da crise estrutural do capital, vemos seu avanço mais ostensivo e suas implicações também no Serviço Social brasileiro. Diante deste avanço presenciamos a defesa de práticas e concepções já superadas no interior da categoria, tanto no âmbito teórico quanto no prático, como por exemplo as proposições defendidas pelo movimento denominado de Serviço Social Libertário e Serviço Social Clínico, que apontam para o “pluralismo” acadêmico, a dissociação com as lutas travadas pelos movimentos sociais, e a reatualização de práticas terapêuticas e psicologizantes. Por isso se torna imprescindível reflexões e construções de respostas profissionais a tais ofensivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conservadorismo. Serviço Social. Saúde.

## CONSERVATISM AND SOCIAL SERVICE: CONSIDERATIONS OF PROFESSIONAL PRACTICE IN THE HOSPITAL ENVIRONMENT

**ABSTRACT:** This article brings reflections about conservatism in the contemporary moment and its repercussions in Social Work and in the practice of social worker in the health area and, specifically, in hospital care. It is the result of discussions held in the theoretical axes and in the experience of the multiprofessional residency process in health. We start from the premise that conservatism and its reflexes find in the historical-social conditions and contradictions basis for spreading ideologically. Nowadays, in the face of the structural crisis of capital, we see its more ostentatious progress and its implications also in the Brazilian Social Service. In view of this advance, we witness the defense of practices and conceptions already overcome within the category, both in the theoretical and practical spheres, such as the propositions defended by the movement called

Libertarian Social Service and Clinical Social Service, which point to academic "pluralism," dissociation with the struggles waged by social movements, and the reupdating of therapeutic and psychological practices. For this, it is essential to reflect and construct professional responses to such offensives.

**KEYWORDS:** Conservatism. Social services. Health.

## INTRODUÇÃO

As discussões sobre o conservadorismo e suas expressões não são novas no âmbito do Serviço Social. Pelo contrário, há um longo tempo são frutos de reflexões teóricas e produções científicas no interior da categoria. Neste artigo pretendemos trazer alguns aspectos dos rebatimentos deste na profissão e na prática do/a assistente social na área hospitalar, considerando a nossa inserção no programa de residência multiprofissional em saúde.

Sabemos que o conservadorismo emerge em momentos de crise como chave para resolução das questões mais urgentes da sociedade; esta, que clama por mudanças. Contudo, compreendemos que ele significa o resgate às tradições e privilégios que favorecem uma classe social específica: a classe burguesa. É difundido massivamente o apelo à "família", à "ordem", à "hierarquia" como exemplo, as quais são sustentadas pela desigualdade e exploração, pelo preconceito e opressão, pelas múltiplas formas de violências, bem como pelo autoritarismo.

O Serviço Social não está alheio aos processos vivenciados pela sociedade e em virtude disso também sofre com o avanço do conservadorismo e seus rebatimentos, tanto no campo teórico quanto no campo prático, e por isso consideramos importante refletir e construir respostas coletivas.

No intuito de fornecer elementos para reflexão estruturamos este artigo em duas seções, sendo a primeira Conservadorismo e Serviço Social no tempo presente: desafios atuais e Conservadorismo e práxis no âmbito hospitalar. Esperamos assim contribuir para o debate e fomentar novas discussões.

## CONSERVADORISMO E SERVIÇO SOCIAL NO TEMPO PRESENTE: DESAFIOS ATUAIS

Conforme as análises de Cirne (2020), o conservadorismo encontra terreno propício para o seu avanço, principalmente, nos momentos de crise, nos quais se intensificam as contradições histórico-sociais. Nestes momentos também se verificam os sentimentos de angústia e insegurança, fazendo com que considerem o resgate ao passado e às concepções de cunho conservador à única alternativa. No momento atual, a crise estrutural do capital e suas implicações vem propiciando tal avanço, como discutiremos neste artigo.

Consideramos importante destacar, inicialmente, o que compreendemos por “conservadorismo”. Corroboramos com a mesma autora quando está sinaliza, por meio das reflexões trazidas por Yamamoto, que ele é “fruto de uma situação histórica específica: a sociedade de classes em que a burguesia emerge como protagonista do mundo capitalista” (CISNE; CANTALICE; ARAÚJO, 2020, p. 312). Nesse movimento de ascensão da burguesia os nobres e aristocratas se unem para garantir a manutenção dos seus privilégios e tradições.

O conservadorismo tem como base e concepções ideológicas a defesa das instituições, da família, da ordem, da hierarquia e da propriedade. Contudo, vale ressaltar que respeito à tradição, lê-se ao tradicionalismo; valores morais rígidos, lê-se moralismo; apologia à família, lê-se à família nuclear heteropatriarcal burguesa e branca (CISNE; CANTALICE; ARAÚJO, 2020 p. 313). No Brasil, o pensamento conservador tem bases distintas do conservadorismo clássico, como aponta Souza (2020)

[...] a formação do “conservadorismo à brasileira” emerge em um contexto histórico marcado por um racismo enraizado que atinge também as instituições, resultante da exploração secular do trabalho escravo e pelo tardio estabelecimento de relações tipicamente capitalistas. Trata-se de uma transição capitalista sem a mediação de um processo revolucionário “clássico” e sem um corte profundo e definitivo com as formas pré-capitalistas, ou extra econômicas, de subordinação do trabalho ao capital (SOUZA, 2020, p. 278).

Desta maneira, o capitalismo e o conservadorismo se inscrevem no país em um contexto de não ruptura com as estruturas sociais de sua formação, o que se expressa no cenário que vemos hoje, de avanço da extrema direita, de aspirações políticas enraizadas no autoritarismo e alinhadas ao ultraneoliberalismo e ultrareacionarismo.

Temos como expressão máxima do avanço ostensivo do conservadorismo no Brasil e da ultradireita a ascensão do atual presidente Jair Messias Bolsonaro em 2018 com discursos pautados na violência e intolerância, em desrespeito às instituições e ataque à democracia, dentre outros. Nas palavras de Cisne, Cantalice e Araújo (2020), ativou-se um modelo de Estado autoritário, conservador, armamentista e em permanente iminência de estado de guerra, evidenciando assim, seus traços neofascistas, também, funcionais às referidas elites (p. 312). Assim, diante da atual ofensiva conservadora nos é possível evidenciar o racismo, a misoginia, o machismo, a lesbo-homo e transfobia, a intolerância religiosa, o moralismo e a militarização da vida cotidiana (CISNE; CANTALICE; ARAÚJO, 2020, p. 317).

Considerando o contexto histórico e ideopolítico que estamos vivenciando se faz necessário discutir os rebatimentos trazidos ao Serviço Social, pois este, ao ser expressão das relações sociais, não se encontra isolado e tampouco imune. Sendo assim, compreendemos que o conservadorismo e seus aspectos vem se espraiando no interior da categoria, como apontam as autoras, por meio da

[...] capitulação diante da ideologia neoconservadora pós-moderna, do esvaziamento dos fundamentos históricos-metodológicos que sustentam a formação e o trabalho profissional, da prescrição da profissão pelos manuais das políticas sociais em detrimento da direção social e estratégica da profissão, do tecnicismo profissional que assinala para a construção de um perfil profissional jurídico-normativo e pretensamente neutro (CISNE; CANTALICE; ARAÚJO, 2020, p. 317).

Podemos evidenciar como uma das principais investidas do conservadorismo o movimento que vem se tornando expressivo - o chamado “Serviço Social Libertário”. Este movimento defende, principalmente, a pluralidade teórica no ensino e produção acadêmica e o afastamento com a teoria crítica-dialética base do pensamento marxista. Aqui cabe salientar que o pluralismo defendido por tal movimento nega às construções coletivas da profissão e os fundamentos teóricos-metodológicos que orientam e balizam a formação e prática profissional.

É também nesse sentido que o movimento propõe uma “renovação” da profissão negando a luta de classes e o compromisso com a superação da ordem capitalista vigente. Para fundamentar e legitimar suas proposições foram criadas 27 teses que, analisadas de

modo geral, sugerem o fim da vinculação com a teoria social crítica, a dissociação da profissão à militância, a desarticulação com os movimentos sociais e a criação de novos espaços sócio-ocupacionais para atuação, para além dos espaços na esfera estatal.

No bojo deste movimento encontramos também a defesa do Serviço Social Clínico, cujas práticas profissionais estejam centradas em uma abordagem terapêutica e psicologizante, mesmo sendo vedadas pela resolução nº 569 do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), a qual explicita que a realização de terapias ou outras práticas terapêuticas não faz parte das competências ou atribuições privativas do/a assistente social.

Partindo dessas premissas enxergamos como desafios no tempo presente a recusa e combate ao conservadorismo em todas as suas expressões, tanto nos âmbitos político, econômico, cultural e social, quanto no interior do Serviço Social; a defesa intransigente dos direitos humanos no contexto que vivenciamos de autoritarismo e diversas violências, e; a reafirmação do nosso projeto ético-político, da direção social crítica da profissão e do compromisso com a classe trabalhadora e com a emancipação humana.

## CONSERVADORISMO E PRÁXIS NO ÂMBITO HOSPITALAR

O conservadorismo nunca esteve ausente do Serviço Social e se alimenta no tempo presente por determinações societárias que fortalecem seu avanço no interior da profissão (BOSCHETTI, 2015). Segundo a autora, o conservadorismo sempre atravessou a formação acadêmica e o trabalho profissional, de forma implícita e por vezes de forma explícita. Pois, é imprescindível para reprodução do capital, e por este motivo não sai de cena, sendo central para a conservação de uma sociedade capitalista.

Como reverbera Maciel (2020) a crise societária somada aos perversos rebatimentos no mundo do trabalho, repercute no debate sobre o conservadorismo uma vez que novos discursos emergem no interior da categoria profissional. Em conjunto a esses discursos emergem práticas profissionais e acadêmicas que se somam nessa direção; ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho passa a reivindicar um perfil profissional que se alinha à essa perspectiva da profissão.

MEIRA, C. D. G.; SILVA, E. V. Conservadorismo e serviço social: considerações sobre a prática profissional no âmbito hospitalar. *Revista Eletrônica Amplamente*, Natal/RN, v. 1, n. 4, p. 227-235, out./dez. 2022. ISSN: 2965-0003.



Portanto, é necessário problematizar o trabalho do/a assistente social na atualidade, visto que é necessário articular a crise vivenciada pela sociedade capitalista e as suas repercussões na realidade brasileira, sobretudo nas requisições postas ao exercício profissional cotidianamente. Requisições que não condizem com as competências e atribuições privativas do Serviço Social que são regulamentadas pela Lei de Regulamentação (8.666/93) e Código de Ética (1993), que exercem mediações necessárias para o fazer profissional de acordo com os fundamentos teórico-metodológicos, ético-políticos e técnico-operativos.

No âmbito hospitalar, podemos evidenciar a investidas do capitalismo neoliberal, diante do avanço do conservadorismo da atual gestão do Brasil e do avanço do projeto de extrema direita, somados à maior crise sanitária mundial, a COVID 19. Fica cada vez mais forte o discurso de privatização da saúde que chega de forma latente aos hospitais públicos, com cortes expressivos no orçamento para a sua manutenção, que impacta diretamente na oferta e qualidade na assistência, coloca a iniciativa privada em um local de destaque como opção de saúde de qualidade, colocando o usuário como único responsável no seu processo de saúde-doença.

É nesse contexto que o Serviço Social está inserido, atuando diretamente na linha de frente, em meio a condições e vínculos de trabalho precarizados, vínculos temporários, assistentes sociais precisam lidar com demandas que não condizem com suas atribuições profissionais, que esbarram em questões antigas colocadas à profissão.

Sabemos que historicamente o/a assistente social tem sido requisitado a realizar atividades no âmbito da atenção em saúde que não são de sua competência ou atribuição. No âmbito hospitalar, algumas destas requisições são a marcação de consultas e exames bem como solicitação de autorização para tais procedimentos aos setores competentes, a solicitação e regulação de ambulância para remoção e alta, a identificação de vagas em outras unidades nas situações de necessidade de transferência hospitalar, a convocação do responsável para informar sobre alta e óbito e a comunicação propriamente de óbitos (CFESS, 2009, p. 27).

A instituição do Sistema Único de Saúde (1990) vai exigir uma reorientação do trabalho em saúde e vai requerer que o assistente social trabalhe as seguintes questões:

MEIRA, C. D. G.; SILVA, E. V. Conservadorismo e serviço social: considerações sobre a prática profissional no âmbito hospitalar. *Revista Eletrônica Amplamente*, Natal/RN, v. 1, n. 4, p. 227-235, out./dez. 2022. ISSN: 2965-0003.



democratização do acesso às unidades e aos serviços de saúde, estratégias de aproximação das unidades de saúde com a realidade, trabalho interdisciplinar, ênfase nas abordagens grupais, acesso democrático às informações e estímulo à participação popular (CFESS, 2009, p. 15).

Contudo, com o avanço do projeto privatista<sup>1</sup> na saúde e do conservadorismo, vemos a reatualização de práticas e discussões já superadas pela profissão. A exemplo disso, vimos um recente retrocesso com a instituição da portaria do Ministério da Saúde no ano de 2020 atribuindo ao Serviço Social a comunicação de boletins clínicos e óbitos de pessoas acometidas pela Covid -19 nas instituições de saúde. Além de atribuições administrativas, como a solicitação de ambulâncias, atendimento telefônicos, que poderiam ser desempenhadas por outros profissionais Assim, delegando funções indevidas à profissão.

Apesar da formação generalista do Serviço Social, a categoria construiu parâmetros para fundamentar os direcionamentos das suas ações. Na área da saúde temos a publicação pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) dos parâmetros que vão balizar a prática do/a assistente social nas instituições e serviços, e que apresenta a atuação em quatro grandes eixos, sendo eles: atendimento direto aos usuários; mobilizações, participações e controle social; investigação, planejamento e gestão; assessoria, qualificação e formação profissional. Compreendemos que a atuação do/a assistente social na área da saúde deve estar alinhada com o que defende o Movimento da Reforma Sanitária, com a universalização do acesso aos serviços e a garantia dos direitos sociais.

No entanto, apesar de toda discussão acerca da construção de documentos para a regulamentação profissional, a discussão não é homogênea, visto que existem grupos profissionais que defendem ações que coadunem com o que denominam de prática terapêutica ou Serviço Social Clínico, desencadeando debates com perspectivas divergentes no interior da profissão.

Dessa forma, é necessário o fortalecimento da construção da imagem e identidade da profissão, uma vez que as relações no mundo do trabalho são permeadas de hierarquia,

---

1 O projeto privatista vem requisitando também ao assistente social a seleção socioeconômica dos usuários, atuação psicossocial por meio de aconselhamento, ação fiscalizatória aos usuários dos planos de saúde, assistencialismo por meio da ideologia do favor e predomínio de práticas individuais (CFESS, 2009, p. 15).



principalmente na área da saúde, onde a figura biomédica é colocada como central. Portanto, é solicitado ao assistente social um posicionamento frente ao seu exercício profissional, tendo como base as normativas do CFESS/CRESS, indispensável para o fazer profissional de qualidade, crítico e reflexivo, que rompa com práticas conservadoras e administrativas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias conservadoras têm achado terreno fértil no cenário contemporâneo, em um processo de desmonte das políticas públicas, como a política de saúde, que passa por um processo cada dia mais agudizado de mercantilização, seletividade e focalização. Cenário onde assistentes sociais estão inseridos, com vínculos flexíveis, instáveis e, muitas vezes, desprotegidos de direitos trabalhistas e previdenciários em que se encontram.

Portanto, a importância das(os) assistentes sociais no seu cotidiano profissional, se apropriarem continuamente de maneira crítica e reflexiva do seu fazer profissional, com vistas a não reprodução de práticas conservadoras e meramente burocráticas. Se apropriando concretamente das dimensões ético-política, teórico-metodológica e técnico operativa que balizam a profissão, exercitando a relativa autonomia profissional com capacidade propositiva, a partir dos fundamentos do projeto ético-político profissional, na resistência em defesa da vida e dos direitos de todos(as).

## REFERÊNCIAS

BOSCHETTI, I. Expressões do conservadorismo na formação profissional. Serviço Social & Sociedade, p. 637-651, 2015.

CFESS, Grupo de trabalho serviço social na saúde. **Parâmetros para atuação de assistentes sociais na saúde**. Brasília, 2009 (versão preliminar).

CISNE, M.; CANTALICE, L. B. O.; ARAÚJO, L. “Renovação” do Serviço Social brasileiro: um *continuum* à ofensiva conservadora. Revista Libertas, Juiz de Fora, v. 20, n.2, p. 307-327, jul. / dez. 2020 Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/32167>



MACIEL, A. L. S. As requisições conservadoras para o trabalho dos assistentes sociais em debate. *LIBERTAS (JUIZ DE FORA. IMPRESSO)*, 2020.

SOUZA, J. M. A. Tendências ideológicas do conservadorismo. [recurso eletrônico] /Recife : Ed. UFPE, 2020. [Leitura da parte 4 do livro – “Conservadorismo à brasileira” e Serviço Social].

Data de submissão: 24/12/2022. Data de aceite: 27/12/2022. Data de publicação: 28/12/2022.